

A ESCRITA COMO FERRAMENTA DE ELABORAÇÃO DOS TRAUMAS EM *A AMIGA GENIAL*, DE ELENA FERRANTE

THE WRITING AS A TOOL OF TRAUMA ELABORATION IN A AMIGA GENIAL FROM ELENA FERRANTE

Elaine Nathani Medeiros Dantas
Universidade Estadual da Paraíba
<https://orcid.org/0000-0003-0211-096X>
elainenathani79@gmail.com

João Pedro Wizniewsky Amaral
Unidade Acadêmica de Letras - UFCG
<https://orcid.org/0000-0001-6250-1298>
jpwamaral@gmail.com

Resumo

A Amiga Genial, o primeiro livro da tetralogia napolitana de Elena Ferrante, diz respeito à uma narrativa autobiográfica ficcional da personagem principal, Lenu, que devido ao trauma vivenciado pelo desaparecimento de sua melhor amiga, Lila, utiliza-se da ferramenta da escrita como uma forma de apaziguar a ausência e o luto dessa experiência, e eternizar sua vida por meio da produção artística. Por meio disso, com o suporte das teorias psicanalíticas, eu busquei investigar os aspectos traumáticos narrados pela personagem em sua infância e adolescência, os quais foram fatores determinantes na construção de sua identidade, de sua relação consigo mesma e com o mundo. O objetivo deste trabalho é compreender o processo da perda de uma amiga como uma força motriz para a criação literária produzida por Lenu, narradora-personagem da história, que busca elaborar seu trauma por meio da escrita ao revisitar seu passado. Como fundamentação teórica, utilizou-se da noção do trauma em Freud e Winnicott (2004), a psicanálise e a crítica literária (2010) e o conceito de trauma transgeracional (2020), os quais serviram de suporte para investigar tais elementos na obra de Ferrante. Por consequência, a união de literatura e psicanálise nos permite visitar o mais íntimo dos personagens e adentrar temas inquietantes à natureza humana, proporcionados por Elena Ferrante nesta obra.

Palavras-chave: Psicanálise. Literatura. Escrita. Trauma. *A Amiga Genial*.

Abstract

A Amiga Genial, the first book of the Neapolitan tetralogy by Elena Ferrante, concerns a fictional autobiographical narrative of the main character, Lenu, who, due to the trauma experienced by the disappearance of her best friend, Lila, uses the writing tool as a way of appeasing the absence and mourning of this experience, and to eternalize her life through artistic production. Through this, with the support of psychoanalytic theories, I sought to investigate the traumatic aspects narrated by the character in her childhood and adolescence, which were determining factors in the construction of her identity, her relationship with herself and with the world. The objective of this work is to understand the process of losing a friend as a driving force for the literary creation produced by Lenu, narrator-character of the story, who seeks to elaborate her trauma through writing when she revisits her past. As a theoretical foundation, the notion of trauma in Freud and Winnicott (2004), psychoanalysis and literary criticism (2010) and the concept of transgenerational trauma (2020) were used, which served as a support to investigate such elements in the work of Ferrante. Consequently, the union of literature and psychoanalysis allows us to visit the most intimate of the characters and delve into disturbing themes to human nature, provided by Elena Ferrante in this work.

Keywords: Psychoanalysis. Literature. Writing. Trauma. *A Amiga Genial*.

Introdução

A Amiga Genial é o primeiro livro da tetralogia napolitana, publicado inicialmente na Itália, em 2011, e posteriormente no Brasil, em 2015, escrito pela pessoa que se utiliza do pseudônimo de Elena Ferrante em suas obras. Os outros volumes, publicados nos anos seguintes, são: *História do novo sobrenome* (2016), *História de quem foge e de quem fica* (2017) e *História da menina perdida* (2017a).

Apesar desta série possuir um caráter de romance autobiográfico em sua narrativa, não é possível relacioná-los à vida de Ferrante, tendo em vista a forma como a vida íntima da autora é preservada e a sua real identidade é ocultada, sendo sua pessoa um mistério para a sociedade.

O primeiro romance da tetralogia, o qual será o foco deste trabalho, se passa em Nápoles, num cenário pós Segunda Guerra Mundial, em que as sequelas de tamanho horror ainda assolam o imaginário das personagens do subúrbio, cenário principal que se passa boa parte da história. Ele é narrado por Lenu a respeito do período da sua infância até a adolescência. A partir do desaparecimento de sua melhor amiga de infância, Raffaella Cerullo, chamada por Lina pelos outros, mas exclusivamente de Lila por Lenu. Ela decide eternizar a história de sua amiga e dela por meio da escrita como uma forma de registrar a existência de Lila por meio da arte.

A obra se inicia com o prólogo “Apagar os vestígios”, em que Elena contextualiza o desejo de Lila em desaparecer, desejo esse expressado há mais de 30 anos. No entanto, não se tratava de algo relativo somente ao ato de desaparecer, mas a algo mais profundo.

Por meio da reconstrução da história dessa amizade pela ótica de Lenu, ela busca negar o desejo da amiga em extinguir-se do mundo, algo impossível devido à sua humanidade, e diante desse cenário, ela utiliza da produção literária para marcá-la na história. Considerando isso, torna-se importante validar a ligação entre as áreas de literatura e psicanálise na obra de Ferrante, e de que forma Lenu utilizou do saber psicanalítico em sua produção como forma de elaboração do luto sofrido pelo desaparecimento da amiga.

Como trabalho conclusivo da disciplina de Literatura e Psicanálise, abordar os traumas na obra de Ferrante se torna relevante ao analisar a forma como esse processo é conduzido por Lenu. Através da dor, ela busca reconstruir suas vivências com Lila e eternizá-las, utilizando-se da pulsão de vida, conceito teorizado por Freud, para a criação artística e compreensão desses sentimentos densos.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é compreender o processo de perda de uma amiga como uma força motriz para a criação literária produzida por Lenu, que em seu momento de luto, utilizou-se da arte para elaborar seus sentimentos. É sabida a ligação das áreas de literatura e psicanálise, e por meio da junção delas, a obra de Elena será analisada por esse enfoque. Portanto, espera-se com esse trabalho contribuir para as duas áreas do saber, distintas, porém conectadas entre si por suas peculiaridades, sendo a literatura, desde o século XIX, utilizada por Sigmund Freud como um suporte para cunhar o saber psicanalítico.

1. Referencial teórico

1.1 O trauma segundo a psicanálise

Para a análise da obra *A Amiga Genial*, eu utilizei as teorias psicanalíticas a respeito do trauma. Apesar de serem duas áreas distintas do saber, Stetina Dacorso (2010) aponta que a psicanálise é utilizada de forma singular no processo da crítica literária. São dois campos que possuem suas especificidades e limitações, e vão se complementando com o que cada um pode oferecer. A autora ressalta que é importante preservar as singularidades das duas áreas em prol de considerar que cada uma delas possui suas diferenças.

Apesar das peculiaridades das duas áreas, elas se entrelaçam por meio das similaridades que compartilham entre si. Um exemplo foi o próprio Freud, que ao cunhar a psicanálise no século XIX, utilizou-se da arte, como a literatura, para a criação de suas teorias, sendo a mais conhecida o Complexo de Édipo, baseada em Édipo Rei (427. a.C.), tragédia grega escrita por Sófocles e em Hamlet, tragédia escrita por William Shakespeare.

Ainda a respeito das similaridades entre psicanálise e literatura, Dantas e Moschen (2019) apontam que Freud, em seu ensaio sobre a *Gradiva* afirma que, através do estudo literário é possível compreender a respeito do seu processo criativo, o qual é realizado no campo do inconsciente. E assim como a psicanálise, a qual busca a interpretação do inconsciente por meio do discurso e dos símbolos, as duas áreas compartilham de uma peculiaridade que se destaca em razão de sua importância para cada uma delas.

Diante dessa ligação, as teorias psicanalíticas servirão como base para o romance de Ferrante. Dessa forma, torna-se importante apontar a noção do trauma para alguns autores da psicanálise, identificando quais aspectos principais o compõem e assim, os apontá-los na obra que está sendo analisada.

Pela visão de Freud, o trauma acontece devido a uma excitação não possível de ser descarregada pelo aparelho psíquico humano, seja por algum tipo de proibição que esteja presente no meio em que o ser está inserido ou ainda por incapacidade devido à não maturação da própria psique. Essa excitação possui algum tipo de ligação sexual ou está relacionada a elementos que estejam associados ao erotismo. Ele considerava o episódio do Complexo de Édipo um dos fatores mais traumáticos que um indivíduo poderia vivenciar, pois é a partir de um Édipo bem resolvido que o indivíduo forma sua sexualidade e se adequa a sociedade, caso contrário, sofreria uma série de sequelas no futuro.

Conforme apontado por Fulgencio (2004), a noção do trauma para Freud se detém somente ao modelo metapsicológico, através de uma interferência direta da sua formação em neurologia. A descrição do trauma se torna limitada em como ela acontece no nosso aparelho psíquico, mas ele não apresenta quais as razões ou motivos que esses episódios traumáticos possam ocorrer. Posteriormente, a teoria de Freud é reformulada por novos psicanalistas e novas informações são acrescentadas sobre o trauma.

Winnicott, pediatra e psicanalista inglês, teorizou o trauma por um outro viés, diferente do que foi proposto por Freud. É importante considerar que ambos se encontravam em cenários clínicos diferentes, como também o público-alvo que era atendido por eles. De acordo com Fulgencio (2004), ele aponta que para Winnicott, a criança passa por um processo de maturação que acontece ao longo dos anos, e que através desse processo, ela poderá interagir com o meio em que vive. Em contraponto a ideia de Freud, o qual propunha a relação da criança com o outro ou com objetos que a cercavam de forma mais prematura, Winnicott apontava que esses processos aconteciam de forma mais tardia, e igualmente o Complexo de Édipo.

Segundo a visão winnicottiana, o processo traumático acontece como uma ruptura na linha da vida do sujeito. Nesse sentido, ele o aponta como uma espécie de vivência que desestabiliza o ser, que causa uma interrupção na manutenção e na continuidade do eu e em seus relacionamentos interpessoais. Trata-se de um evento em que o sujeito não se encontrava previamente preparado psiquicamente para lidar com ele, e por isso, se depara com uma situação de confusão de forma inicial.

Ao contrário da visão Freudiana em que apontava o Complexo de Édipo como a mola propulsora para a constituição do sujeito como um ser humano social e o corpo como uma máquina que precisa descarregar excitações, Winnicott apontou uma outra visão:

Para ele, o ser humano não é um aparelho que procura livrar-se de suas excitações, mas uma pessoa que necessita existir e continuar existindo; ele observou que uma longa série de cuidados e acontecimentos relativos à interação com o ambiente eram necessários para que um bebê pudesse passar do estado de não integração no qual nasce, para um estado de identidade unitária; que, na primeira etapa do processo de amadurecimento, não há, ainda, essa unidade e que uma série de integrações precisariam ser processadas para que possa emergir um eu separado do não-eu; mais ainda, que diversas aquisições deverão ser feitas para que o indivíduo possa ter a possibilidade de estabelecer relações a três termos, reconhecendo a si mesmo e ao outro enquanto pessoas inteiras e tendo, pois, um sentimento de responsabilidade para com esse outro. (FULGENCIO, 2004)

Ao comparar essas duas teorias, destaca-se como os dois psicanalistas construíram pontos diferentes acerca do trauma, para além da visão metapsicológica freudiana. Winnicott associa os traumas às relações inter-humanas e aos acontecimentos desagradáveis, que são propensos a acontecer a quaisquer seres humanos, e em alguns casos, estes não possuidores de defesas bem elaboradas previamente para lidar com tais situações, causando uma ruptura na continuidade do ser.

Por fim, há o conceito do trauma transgeracional, sendo este compartilhado entre familiares para com seus filhos. Através de experiências negativas vividas ou questões acerca da socialização não elaborada pelos pais, estas serão projetadas no filho e passadas para a geração dele. Segundo Makosso (2020), a comunicação e a proximidade entre pais e filhos facilitam na construção da identidade da criança. Quando ela cresce ouvindo o discurso dos pais traumatizados com uma certa frequência, a depender do nível de emoção expressada por eles, a criança as projeta e internaliza algo que sequer ocorreu em sua vivência como sujeito.

1.2 Uma análise de alguns aspectos traumáticos em *A Amiga Genial*

A Amiga Genial é narrada numa região localizada no subúrbio de Nápoles, num cenário pós Segunda Guerra Mundial, sendo o fator principal para a construção da narrativa o desaparecimento de Rafaella Cerullo, mais conhecida como Lila. Trata-se de uma narrativa em primeira pessoa, feita por Elena Greco, chamada de Lenu, escritora e amiga de Lila desde a infância. Devido ao episódio de desaparecimento, Lenu decide narrar esta amizade por meio de sua perspectiva, desde a infância até a adolescência.

Sendo este acontecimento o primeiro aspecto traumático que nos é apresentado na obra, ele é introduzido por meio do prólogo “Apagar os vestígios”. O leitor é apresentado à problemática da narrativa, em que o filho de Lila, Rino, liga para Lenu e pergunta se ela possui alguma informação sobre a mãe, pois ela desapareceu. Ela afirma não saber nenhuma informação sobre o acontecido e sequer sobre Lila, entretantes reflete sobre o desejo da amiga, o qual o conhece há mais de 30 anos, de apagar sua existência por completo:

Faz pelo menos trinta anos que ela me diz que quer sumir sem deixar rastro, e só eu sei o que isso quer dizer. Nunca teve em mente uma fuga, uma mudança de identidade, o sonho de refazer a vida noutro lugar. E jamais pensou em suicídio, incomodada com a ideia de que Rino tivesse de lidar com seu corpo, cuidar dele. Seu objetivo sempre foi outro: queria volatilizar-se, queria dissipar-se em cada célula, e que ninguém encontrasse o menor vestígio seu. E, como a conheço bem – ou pelos menos acho que conheço -, tenho certeza de que encontrou o meio de não deixar sequer um fio de cabelo neste mundo, em lugar nenhum. (FERRANTE, 2015, p.15)

Ainda se encontrando sem notícias de Lila, Lenu dá-se conta que não possui nem um registro, como fotos, bilhetes, lembranças, que possa provar que sua amiga existiu um dia. Diante disso decide se vingar dela por meio da escrita, a qual buscará retratar a narrativa da vida delas como uma forma de eternizar quem foi Lila e ir contra o seu desejo de extinguir-se.

O trauma se dá através desse luto vivido por Lenu em razão do desaparecimento abrupto de sua amiga, e por meio da escrita, ela busca ordenar o sentimento de vazio e a falta de sentido que o acontecido lhe trouxe, como uma forma de elaborar a dor e ressignificá-la, enxergando-a por um novo viés. É sabido que quem vive esse processo se encontra num estado de angústia, e por meio dos mecanismos que possam reorganizar a nossa psique, o ser humano busca formas para que possa lidar com os seus sentimentos, uma vez que estes podem ser destrutivos. Um desses mecanismos é a produção artística, como a literatura, em que a escrita de sua história, como foi o caso de Lenu, permite uma nova reorganização do estado de sofrimento.

Por meio do trauma do desaparecimento, Lenu busca, através da escrita literária, uma transmutação entre o passado e o presente. Como se num processo analítico, as informações mais profundas de sua alma fossem despejadas num papel, sobre temas que não são acessíveis à consciência. É por meio da ausência de Lila que ela busca revisitar sua história, eternizá-la e compreender as nuances que foram importantes na construção do seu ser.

Uma outra característica do trauma é que ele se dá através da repetição. Em *A Amiga Genial*, é recorrente que ao longo do livro, Lenu se lembra dos aspectos relativos ao seu bairro de forma contínua, lembrando da violência, da sujeira e das dinâmicas familiares:

Não tenho saudade de nossa infância cheia de violência. Acontecia-nos de tudo, dentro e fora de casa, todos os dias, mas não me lembro de jamais ter pensado que a vida que nos coubera fosse particularmente ruim. A vida era assim e ponto final, crescíamos com a obrigação de torná-la difícil aos outros antes que os outros a tornassem difícil para nós. Claro, eu teria gostado dos modos gentis que a professora e o pároco defendiam, mas sentia que aqueles modos não eram adequados a nosso bairro, mesmo para quem era do sexo feminino. As mulheres brigavam entre si mais do que os homens, se pegavam pelos cabelos, se machucavam. (FERRANTE, 2015, p.29)

Ao considerar que Lenu afirma a respeito de não pensar naquela época da sua vida e seu bairro como algo negativo, ela expressa, de forma sutil, o desejo de viver numa realidade diferente. Ao longo do romance, a problemática do bairro novamente entra em questão, além dos assassinatos e violência que acontecem durante a narrativa.

Para além das questões de violência, o social é demarcado de forma explícita na narrativa de Ferrante. Em uma realidade em que as pessoas ainda sofriam sequelas após o fim da Segunda Guerra Mundial, as questões relativas ao trabalho são enfatizadas como senso de identidade das próprias famílias, as quais são descritas pela função que assumem, a exemplo: a família Cerullo é família do sapateiro; a família Greco, família do contínuo; a família Peluso, família do marceneiro. Neste cenário, o trabalho é quem define a posição que o sujeito ocupa naquele subúrbio, e também a sua constituição como ser humano. O romance não nos apresenta descrições destas pessoas para além da função que elas exercem, como suas visões de mundo, valores pessoais, crenças, aspirações, pensamento político. Por meio disso, Ferrante enfatiza como as questões relativas às classes sociais são marcantes em seu trabalho.

Ao crescerem inseridas diante dessas condições, Lila e Lenu almejam novas formas de se emancipar de tamanha violência que viviam. E vivenciando tais experiências na infância, enquanto muito jovens, elas sofrem consequências desses episódios traumáticos ao longo da

vida delas, os quais refletem na dinâmica dos relacionamentos interpessoais, de forma inconsciente.

Diante da condição de desamparo das duas, advindo de ambientes familiares em que comumente se ouviam agressões verbais e físicas, Lila e Lenu enxergaram na amizade um espaço de refúgio, como também a dualidade da competição constante e rivalidade entre elas. A educação, outro aspecto que atravessava a vida das duas, também as fazia enxergá-la como uma ferramenta que poderia lhes possibilitar uma qualidade de vida melhor, como também um afastamento da realidade do bairro delas, em que fica escancarada a realidade traumática e o sofrimento psíquico que o ambiente as causava.

Portanto, é na escola que os principais conflitos entre as duas acontecem. Lenu, esforçada, no entanto não tão inteligente quanto Lila; e a outra possuidora de um talento nato para a leitura e cálculos matemáticos, porém desinteressada e entusiasta de causar o caos aprontando travessuras. Lenu, logo de início, percebe o destaque que a amiga possui por suas habilidades e reflete consigo:

Algo me convenceu, então, de que se eu caminhasse sempre atrás dela, seguindo sua marcha, o passo da minha mãe, que entrara em minha mente e não saía mais, por fim deixaria de me ameaçar. Decidi que deveria regular-me de acordo com aquela menina e nunca perdê-la de vista, ainda que ela se aborrecesse e me escorraçasse. (FERRANTE, 2015, p. 38)

E assim constitui-se uma amizade demarcada por idas e vindas, comparação, rivalidade, subalternidade e inferiorização de Lenu, colocando Lila num pedestal como referência a ser seguida e aceitando permanecer nesse local secundário, mesmo em situações em que ela se sentia demasiadamente inferior à Lila, como:

É provável que essa tenha sido minha maneira de reagir à inveja, ao ódio, e de sufocá-los. Ou talvez tenha disfarçado assim o sentimento de subalternidade, o fascínio que experimentava. Com certeza me adestrei em aceitar de bom grado a superioridade de Lila em tudo, inclusive seus abusos. (FERRANTE, 2015, p. 39)

É importante destacar que essa atitude revela uma consequência de um trauma familiar, especialmente da relação de Lenu com a própria mãe, a qual a enxerga como inferior e possui traços físicos, como seu olho estrábico, seu corpo opulento e sua perna esquerda que a faz mancar, que a causam repulsa. Pela ausência do afeto materno e incompatibilidade com a mãe, é através de Lila que Lenu enxerga uma possibilidade de construir uma vida diferente da sua mãe e de se sentir vista, e acredita que através disso, não desenvolverá as características físicas dela.

Partindo da perspectiva de Lila sobre o trauma, ela vivencia uma agressão física que a marca para sempre. Após concluir o ensino fundamental, ela deseja se matricular no ensino médio. No entanto, pelas condições financeiras dos pais, como também da sociedade patriarcal em que ela estava inserida, o pai não considerava necessário que uma filha mulher tivesse uma formação, mas que o ajudasse no trabalho. Indignada com tal decisão, e tendo somente o apoio de Rino, seu irmão, o qual podia visualizar um futuro brilhante da irmã através da educação, Lila constantemente entrava em discussões com os pais, insistindo em estudar. Sua mãe, resignada, aceitava passivamente o posicionamento do marido, algo que demarca os papéis de gênero muito fortes da época dos anos 50. Numa dessas discussões, seu pai se irrita e a agride, atirando-a pela janela do apartamento em que viviam. Apesar de ela ter sobrevivido, ela quebrou seu braço.

É possível que seu primeiro episódio de desmarginação, termo cunhado por Ferrante, esteja associado à perda das margens, das formas, das fronteiras entre o eu e outro. Sensação que traz extremo mal-estar à Lila, como uma perda de conexão com a realidade idealizada por ela, enxergando além do que é possível e das formas naturais das pessoas, mas materializando-as como monstros e formas animais.

Ele pode ter sido decorrente do trauma de tamanha agressão sofrida, que aconteceu pela primeira vez em 31 de dezembro de 1959, mas que ela relatou tal experiência a Lenu muitos anos depois, em que ambas já estavam com 35 anos, casadas e com filhos. Ela relata a experiência como:

Tivera a impressão de que todos gritavam demais e se moviam em grande velocidade. Essa sensação fora acompanhada de uma náusea, e ela teve a sensação de que algo de absolutamente material, presente em torno dela, em torno de todos e de tudo desde sempre, mas sem que conseguisse percebê-lo, estivesse destruindo o contorno das pessoas e das coisas, revelando-se. (FERRANTE, 2015, p. 82)

Portanto, alguns dos eventos traumáticos presentes na obra foram elencados acima, os quais são de suma importância observar o quanto eles impactaram na forma como Lenu e Lila se relacionavam consigo mesmas e com os outros ao longo de suas vidas.

Por meio da teoria psicanalítica, é possível visualizar de forma mais detalhada como tais eventos traumáticos aconteceram na vida das personagens, em que se torna possível descrevê-los. Em ambos os casos, a quebra na confiabilidade do ambiente, um dos tipos de traumas teorizados por Winnicott, circunda a realidade das duas amigas, em que os conflitos familiares e a violência vivenciada por elas as fez procurarem na amizade um amparo para as suas angústias.

O trauma na visão freudiana também é possível de ser identificado na obra, pois as duas personagens, ambas muito jovens, são vítimas de diferentes violências nos cenários em que viviam. Partindo do princípio metapsicológico sobre o trauma como uma excitação não possível de ser descarregada por proibição ou falta de maturação da própria psique, Lenu e Lila são marcadas por uma série de acontecimentos na infância, as quais não possuíam mecanismos suficientes para lidar com eles, que as marcam e impactam nas suas relações pessoais, vivências de mundo e transtornos mentais, como o desenvolvido por Lila que é apresentado como uma desmarginação.

Pela perspectiva de Lenu, ela vivência o trauma através de um abuso sexual que é cometido por Donato Sarratore, fiscal de trem e integrante principal da família do ferroviário-poeta. Em suas férias em Ischia, em que ela estava aproveitando a estadia no local, como também participando ativamente dos serviços domésticos da casa em que ela se encontrava, é narrado que em uma noite, Donato a aborda e a toca contra a sua permissão. Nesse sentido, pensa-se nesse trauma por meio da teoria de Freud, em que ele pontua que todo o trauma tem origem, necessariamente, de ordem sexual.

Considerações finais

O ponto principal desse trabalho se dá na análise da obra de Ferrante pela investigação psicanalítica, ferramenta que nos possibilita adentrar o inconsciente de Lenu e Lila e compreender os principais fatos da vida delas. Pelo recorte do aspecto traumático, é evidenciado o quanto o subúrbio em que elas viviam, as dinâmicas familiares e os papéis de gênero registraram importantes traços mnêmicos no inconsciente das personagens, em que a realidade e as relações delas são moldadas por suas memórias infantis.

A literatura, junto com a psicanálise, como ferramenta investigativa, nos permite ir mais a fundo no íntimo dos personagens. A obra de Ferrante, por outro lado, não se distancia do objetivo de levar ao leitor temas inquietantes sobre a vivência humana como a rivalidade, amor, status social, violências e angústias. Dessa forma, a união das duas áreas nesta obra nos convida a acessar o que é de mais recalcado em nosso inconsciente.

Portanto, a investigação psicanalítica pode nos ajudar a adentrar em obras literárias e compreender mais a fundo a psique dos personagens, por meio do que é dito e não dito, das atitudes, sentimentos e visões de mundo. Por meio de uma investigação minuciosa, assim como na clínica, verifica-se traços implícitos do inconsciente revelados no discurso e nas atitudes dos personagens.

Referências

DACORSO, Stetina Trani de Meneses e. **Psicanálise e crítica literária**. Estud. psicanal., Belo Horizonte, n. 33, p. 147-154, jul. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 fev. 2023.

DANTAS, Tatianne Santos e MOSCHEN, Simone Zanon. **Escrita, vestígio e ausência em A amiga genial de Elena Ferrante**. Rev. Subj. [online]. 2019, vol.19, n.2, pp. 1-14. ISSN 2359-0769. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i2.e9156>. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692019000200004#:~:text=O%20trabalho%20da%20escrita%20liter%C3%A1ria,narrador a%20com%20sua%20melhor%20amiga.>. Acesso em: 11 fev. 2023.

FERRANTE, Elena. **A amiga genial: infância, adolescência** / Elena Ferrante ; tradução: Maurício Santana Dias. – 1 ed. – São Paulo : Biblioteca Azul, 2015.

FULGENCIO, Leopoldo. **A noção de trauma em Freud e Winnicott**. Nat. hum. [online]. 2004, vol.6, n.2, pp. 255-270. ISSN 1517-2430. Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302004000200003>. Acesso em: 12 fev. 2023.

MAKOSSO, Alphonse Dorien, **Chimamanda Ngozi Adichie's Half of a Yellow Sun: A Transmitted Trauma** (2019). International Journal of Linguistics, Literature and Translation (IJLLT), 2020, Disponível em: <<https://ssrn.com/abstract=3546851>>. Acesso em: 12 fev 2023.